

Lisboa L. (*Olisipo*). Capital de *Portugal, localiza-se na margem direita do estuário do Tejo, muito próximo da sua foz. É uma cidade de vales e de colinas abertas sobre o rio, que aqui forma um porto natural profundo e relativamente abrigado. A sua actual área urbana foi ocupada, ininterruptamente, desde da Pré-história até à actualidade, estando, no entanto, o conhecimento sobre as ocupações antigas algo limitado, uma vez que os trabalhos arqueológicos são sempre ditados pelas regras que a Arqueologia Urbana impõe. Contudo, os resultados das acções levadas a efeito pelas várias equipas que têm actuado no terreno desde a década de 80 do século passado permitem ter já uma visão sobre a diacronia espacial da ocupação antiga de *Olisipo*, parecendo hoje claro que a que ocorreu durante a Idade do Ferro se circunscreveu à colina do Castelo. De facto, apenas aí se detectaram dados a ela referentes, que mostraram também a sua relação directa com a presença de navegadores fen. na costa ocidental portuguesa a partir do século VIII a.n.e. O chamado «morro do Castelo» estava limitado a sul e a ocidente pelo rio Tejo e pelos vestígios do braço desse mesmo rio que, na época, já seria apenas uma área parcialmente inundada. A oriente, corria uma linha de água, que corresponde à actual rua da Regueira. Os trabalhos arqueológicos realizados nas últimas três décadas na colina do Castelo, tanto no seu topo, como na plataforma da Sé Catedral, e ainda em várias áreas da encosta e do sopé, revelaram vestígios arqueológicos dessa época e dessa filiação cultural. A ocupação privilegiou o topo e as vertentes viradas a sul e oeste, ou seja as áreas que permitiam uma boa visibilidade para o mar e para o rio, a primeira, e que asseguravam boas condições portuárias, a segunda. As intervenções arqueológicas que mais informação forneceram para a ocupação pré-rom. decorreram no Castelo de São Jorge e na restante área da freguesia de Santa Cruz, concretamente na Praça Nova e Rua das Flores, e ainda na Sé Catedral e na Rua dos Correeiros, na Baixa pombalina, onde estruturas bem conservadas e numerosos materiais foram identificados. Também os dados recuperados nos trabalhos levados a efeito em Alfama (Rua de São João da Praça, Pátio da Senhora da Murça e Largo do Chafariz d'el Rei) revelaram ocupações humanas balizadas entre os séculos VIII e o III a.n.e, tal como as que aconteceram na Rua de São Mamede ao Caldas. Não surpreende que a colina do Castelo tenha constituído o lugar escolhido pelas populações da Idade do Ferro para a sua instalação, uma vez que esta possui uma situação topográfica e uma morfologia com condições privilegiadas para a implantação humana, dado deter ampla visibilidade e considerável defensabilidade. Mais interessante é constatar que essa colina esteve até então desocupada, tendo os grupos humanos do neolítico, calcolítico e Idade do Bronze dado preferência ao esporão rochoso que lhe

fica defronte, sendo na encosta de Santana, portanto na outra margem da Ribeira de Arroios, que os vestígios de ocupações pré-históricas foram detectados. O topónimo pré-rom., que os autores clássicos consagraram e que muita epigrafia rom. deixou registado, deixa antever uma ligação linguística à área meridional da Península Ibérica. De facto, o sufixo *-ipo*, patente em *Olisipo*, aponta para uma origem mediterrânea. Os contactos dos fenícios instalados na área do Estreito de Gibraltar com a foz do Tejo iniciaram-se, pelo menos, a partir da segunda metade do século VIII a.n.e., e implicaram também uma instalação permanente, não significando, assim, apenas passagens esporádicas destinadas a simples trocas comerciais. Essa instalação está comprovada pelas quantidades de cerâmicas fen. ou de inspiração fen., de engobe vermelho (pratos e taças), pintadas em bandas (*pithoi* e urnas de tipo Cruz del Negro), ânforas (R1, de tipo Ramon 10.1.1.1. e 10.1.2.1.) e pela escassez de artefactos conectados com o mundo indígena do Bronze Final, nos níveis da Idade do Ferro, onde a cerâmica manual é muito escassa. A existência de uma inscrição em língua e caracteres fen. inscrita sobre a parede externa de uma ânfora é testemunho da presença efectiva de população fen., muito provavelmente, ocidental. A orientalização de L. iniciada a partir do século VIII a.n.e. representou o início de um processo que se acentuou nos séculos seguintes, mantendo os espólios, até aos alvares da romanização, um evidente orientalismo ao nível formal, decorativo e tecnológico. A produção local de cerâmicas de engobe vermelho e de ânforas está demonstrada por fornos na área do Castelo e na zona baixa pombalina (Rua dos Correeiros), evidenciando a integração dos habitantes da L. pré-rom. no universo fen. Os dados sobre a arquitectura da ocupação da Idade do Ferro são escassos em L. Mas o que existe, sobretudo na Rua dos Correeiros, permite saber que os compartimentos eram de planta rectangular, com paredes de adobe levantadas sobre alicerces de pedra. A argila compactada foi utilizada na pavimentação das habitações. Em termos de área ocupada, *Olisipo* corresponde ao maior povoado orientalizante do actual território português, tendo a ocupação proto-histórica uma extensão que não é comparável a qualquer outra conhecida até ao momento, cerca de 20 ha, o que deixa antever um lugar de importância capital e uma população consideravelmente extensa. Terá sido, por isso mesmo e muito provavelmente, o sítio que organizou a ocupação dos territórios anexos do *Baixo Tejo, concretamente daqueles onde, a partir do século VI a.n.e., se fundam, nos concelhos de Sintra, Amadora, Cascais e Oeiras, pequenos sítios destinados a exploração agrária, que manteriam com L. relações coordenadas e interactivas. L. e *Almaraz localizados na foz do estuário, cada um em sua margem, estariam, por certo, relacionados entre si, tal é a semelhança em certos detalhes da cultura

material e, naturalmente, a total inter-visibilidade entre ambos os sítios. A partir do século II a.n.e., L. romaniza-se, tornando-se município de cidadãos rom. nos últimos anos da república, designando-se então *Felicitas Iulia Olisipo*.



Lisboa, *ostrakon*: Barco (Arruda, *Fenícios*).

Arruda, *Fenícios*, 5-6.

A.M. Arruda